

O texto e suas relacionalidades

dedicado a Mônica Magalhães Cavalcante

Alena Ciulla, Mariza Angélica Paiva Brito
Mayara Arruda Martins

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Índices para catálogo sistemático:

O texto e suas relacionalidades

dedicado a Mônica Magalhães Cavalcante

Alena Ciulla, Mariza Angélica Paiva Brito
Mayara Arruda Martins

Copyright © 2025 – Das organizadoras representantes dos autores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão:

Editoração: Vinnie Graciano

Capa:

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| PREFÁCIO | 7 |
| Mariza Brito | |
| | |
| CAPÍTULO 1 - A COERÊNCIA EM (CON)TEXTO DA ENGENHARIA SOCIAL: CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA O ENSINO DA LEITURA | 10 |
| Vanda Maria Elias (Unifesp/Thelpo/Protexto) | |
| Mônica Magalhães Cavalcante (UFC/Protexto) | |
| Mariza Angélica Paiva Brito (Unilab/Protexto/Funcap) | |
| | |
| CAPÍTULO 2 - MARCAS DE AFETO: ENTRE CONSTERNAÇÃO, INCREDULIDADE E GENEROSIDADE | 31 |
| Isabel Roboredo Seara (UAb/Clunl/LE@D, Portugal) | |
| Rodrigo Albuquerque (UnB/Unifesp, Brasil) | |
| | |
| CAPÍTULO 3 - TEXTO, RELACIONALIDADE E ARGUMENTAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA ESCRITA | 69 |
| Ana Lúcia Tinoco Cabral | |
| | |
| CAPÍTULO 4 - DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO NA ESFERA JURÍDICA: A POLÊMICA SOBRE A INVASÃO AO SISTEMA DO CNJ | 88 |
| Antonio Lailton Moraes Duarte (Universidade Estadual do Ceará – UECE) | |
| | |
| CAPÍTULO 5 - TEXTOS DE CONTEÚDO TEÓRICO E DE ORIENTAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS DE ENSINO: PLANOS DE TEXTO, SEQUÊNCIAS TEXTUAIS, DISCURSO PROCEDURAL E DIMENSÕES DA ARGUMENTATIVIDADE | 117 |
| Sueli Cristina Marquesi (PUC-SP) | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 6 - UMA CARTA PARA MÔNICA - SOBRE A COERÊNCIA NO TEXTO, NO ENSINO E AS (IN)COERÊNCIAS DA VIDA | 143 |
| Fabio André Cardoso Coelho (UFF) | |
| CAPÍTULO 7 - O ARGUMENTO COMO UNIDADE DE FUNDAMENTAÇÃO: DISCUTINDO AS OPERAÇÕES LÓGICO-INFERENCIAL, RETÓRICA E DIALÉTICA | 157 |
| Paulo Roberto Gonçalves-Segundo (USP) | |
| CAPÍTULO 8 - REVISITANDO A NOÇÃO DE TÓPICO DISCURSIVO | 177 |
| Maria da Penha Pereira Lins (PPGEL-Ufes) | |
| Rivaldo Capistrano Júnior (PPGEL-Ufes) | |
| CAPÍTULO 9 - DÊIXIS E IMPOLIDEZ: RELAÇÃO ARGUMENTATIVA NA TECNODISCURSIVIDADE | 201 |
| Mônica Magalhães Cavalcante (UFC/CNPq) | |
| Mayara Arruda Martins (UNILAB) | |
| Hellenson Mariano (UECE) | |
| CAPÍTULO 10 - TEORIA E METODOLOGIA DO PONTO DE VISTA, DO TEXTO À IMAGEM | 220 |
| Alain Rabatel | |
| POSFÁCIO | 266 |
| Rafael Lima de Oliveira (UFC) | |
| Maiara Sousa Soares (UFC) | |
| Mayara Arruda Martins (UFC) | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS E AUTORES | 275 |
| BIOGRAFIA DOS AUTORES | 276 |

CAPÍTULO 2

MARCAS DE AFETO: ENTRE CONSTERNAÇÃO, INCREDULIDADE E GENEROSIDADE

Isabel Roboredo Seara (UAb/Clunl/LE@D, Portugal)

Rodrigo Albuquerque (UnB/Unifesp, Brasil)

Epitáfio

*Quando as palavras
buscarem amparo
em teu secreto canto
serás ainda
o único pastor
do meu silêncio*

(José Tolentino de Mendonça, 2006)

1. Considerações iniciais

Este capítulo nasce do desafio que a própria professora Mônica nos lançou: fazer a conferência inaugural do *V Workshop de Linguística Textual* com a temática *Impolidez*. Parafraseando o célebre Drummond, no meio do caminho tinha uma pedra. Ou melhor, no meio do caminho tinha uma partida que ocorreu de forma “imprevisível, prematura e perturbadora”, que até hoje nos abala profundamente, como publi-

cou a professora Isabel Roboredo Seara em suas redes sociais. O novo desafio que nascia, especialmente para os/as amigos/as, os/as amores e os/as pupilos/as de Mônica, era reunir forças para seguir adiante (inclusive, com o evento). Para nós, essa temática inicialmente proposta não era, decididamente, a mais adequada. Não seria possível homenagear a professora, colega e amiga Mônica nem com a impolidez, tampouco com a polidez. Queríamos sublinhar o afeto cultivado por alguém que foi/é referência para a área da Linguística de Texto e, sobretudo, para as relações interpessoais.

Mônica foi *madrinha* de Rodrigo Albuquerque no GT de Linguística do Texto e Análise da Conversação da Anpoll. Mônica escancarou as portas do percurso de Isabel Roboredo Seara no Brasil. Mônica fez tanto que não caberia num capítulo. Foi assim, com nó na garganta, que tomamos algumas decisões: iríamos conduzir essa conferência de forma dialogada e iríamos celebrar os afetos deixados (e habitantes para sempre) por ela. Decidimos, portanto, que iríamos prestar uma singela homenagem à professora doutora Mônica Magalhães Cavalcante, focalizando as marcas de afeto presentes em duas redes sociais: o *Facebook* e o *Instagram*. Para tanto, partiríamos de dois objetivos de pesquisa.

No primeiro, almejamos evidenciar as trajetórias de generosidade deixadas pela professora, a partir de suas interlocuções com alunos/as, orientandos/as e amigos/as em postagens de *Facebook*, valendo-nos, para tanto, da interface dos estudos da polidez e da multimodalidade. No segundo, almejamos demonstrar como mensagens institucionais de condolências veiculadas no *Instagram* poderiam contribuir para a construção do *ethos* de consternação, de incredulidade e de afetividade em relação à professora, valendo-nos de pressupostos teóricos ancorados na análise dos discursos, na pragmática, na retórica e na argumentação dos discursos, e na linguística textual. Além dessas considerações iniciais e das considerações finais, traremos, a seguir, três seções que abarcam conceitos teóricos e proposições analíticas.

A partir da interface dos estudos da polidez (de primeira onda, de segunda onda e de terceira onda) e da abordagem multimodal interacional, contemplaremos, na seção 2, a propositura de um caminho analítico que, ao transcender a polidez, desvela os afetos manifestados em âmbito multimodal. Relativamente às postagens, que podem congregiar semioses verbais e não verbais, salientamos que os afetos, ao se manifestarem para além da materialidade dessas semioses, podem ser acionados a partir da construção de sentidos negociada entre quem leu o *post* e quem publicou o *post*.

Nas seções 3 e 4, ensaiaremos demonstrar como as mensagens de condolências – quer institucionais, quer pessoais – espelham inequivocamente os afetos. Particularmente no universo digital, dada a franca acessibilidade e a elevada interatividade, comprova-se que a partilha do absurdo da morte acontece de forma mais emocionada, permitindo que a comunidade enlutada seja reconfortada, a partir da função catártica da profusão de mensagens (Clavandier, 2009).

2. Além da polidez: a multimodalidade dos afetos

Como o título desta seção já anuncia, abordaremos os afetos à luz dos estudos da polidez e da multimodalidade. Inicialmente, discutiremos a noção de polidez, a qual se situa, a partir de sucessivas transformações epistêmicas, em três ondas: primeira onda (em âmbito linguístico), segunda onda (em âmbito sociodiscursivo) e terceira onda (em âmbito sociointeracional). Na sequência, exploraremos a noção de multimodalidade em perspectiva sociointeracional, partindo de seis conceitos-chave, a saber: interação; modo comunicativo; ação mediada; densidade modal; relação entre densidade modal, ações de nível superior e níveis de atenção; e configuração modal. Nesta seção, analisaremos, à luz dessa interface teórica, duas postagens do *Facebook* da professora Mônica Magalhães Cavalcante. Iniciaremos esse percurso a partir das contribuições dos estudos de primeira, de segunda e de terceira ondas, representados, nessa ordem, pelas proposituras

de Brown e Levinson (1987); de Watts (2003, 2005) e de Kádár e Haugh (2013).

Os estudos de primeira onda, de abordagem griceana, exploraram a dimensão linguística. Brown e Levinson (1987) propõem que o/a locutor/a se vale de estratégias de polidez, com vistas a preservar a imagem social do/a interlocutor/a – ou melhor, preservar a face desse/a interlocutor/a (Goffman, 1967). A partir de tal noção, Brown e Levinson (1987) sugerem cinco macroestratégias de polidez que: ameaçam a face diretamente (1) sem reparo; ameaçam a face diretamente com reparo por meio de estratégias de (2) polidez positiva (valorização da face) e de (3) polidez negativa (preservação da face); ameaçam a face (4) indiretamente; e (5) não ameaçam a face. Frisamos que os estudos de primeira onda possibilitariam analisar as estratégias de polidez mobilizadas em dada interlocução.

A título de exemplo, poderíamos considerar que, ao proferirmos “Socorro, me tire daqui”, o/a locutor/a ameaçaria a face diretamente sem reparo (primeira macroestratégia), mas não seria considerado/a impolido/a, dada a urgência da interação. Poderíamos, ainda, considerar que dizer “Parabéns pelo trabalho!” e “Cê me empresta essa caneta?” poderiam ameaçar a face diretamente, mas com reparo por estratégias, respectivamente, de polidez positiva (segunda macroestratégia) e de polidez negativa (terceira macroestratégia), dado que o elogio valorizaria a face e o pedido preservaria a face. Por outro lado, poderíamos dizer “Que garoto esperto!”, de forma irônica, para ameaçar a face indiretamente (quarta macroestratégia). Por fim, poderíamos enunciar algo que não ameaçaria a face, tampouco estabeleceria comunicação (quinta macroestratégia).

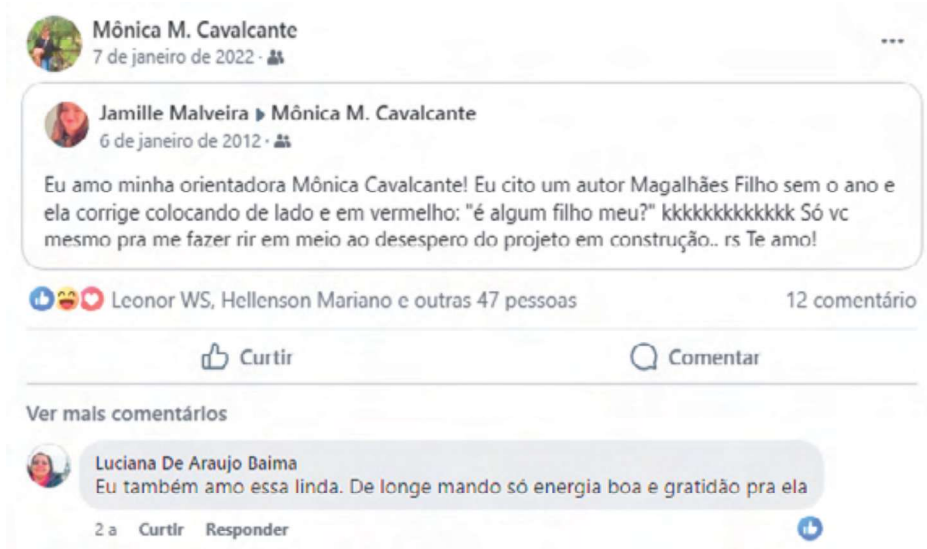
Concebendo não haver enunciados inerentemente polidos, os estudos de segunda onda, de abordagem pós-moderna, exploraram a dimensão sociodiscursiva. Para Watts (2003, 2005), os sujeitos estariam em constante disputa discursiva (avaliando o que seria (im)polido)

no que diz respeito ao comportamento apropriado (polidez e não polidez) e inapropriado (rudeza, impolidez e polidez excessiva), com vistas a restaurar o equilíbrio das interações (isto é, ajustar o trabalho relacional). Conforme propõe Watts (2003, 2005), os conceitos de disputa discursiva (a noção do que seria (im)polido), de comportamento adequado (a noção do que seria (in)apropriado) e de trabalho relacional (os esforços para se reestabelecer o equilíbrio da interação) estão imbricados. Concebemos que os estudos de segunda onda possibilitariam analisar não somente o contexto interlocutivo em que os sujeitos se inserem, mas também as relações hegemônicas, as manifestações identitárias e as inscrições ideológicas desses/as interagentes na construção do trabalho relacional.

Integrando as dimensões linguísticas e discursivas, os estudos de terceira onda, de abordagem pós-discursiva, exploraram a dimensão sociointeracional. Kádár e Haugh (2013), a partir de uma proposta integrativa, sugerem que a polidez não se instancia nem no uso linguístico nem na norma social, mas nas práticas sociais. Isto é, as pessoas não seriam consideradas polidas, nem impolidas, em virtude de um único uso linguístico ou de um único comportamento (in)adequado. Nessa proposta, o intuito era, além de integrar o linguístico e o social, resgatar o linguístico abandonado pelos estudos de segunda onda. Ademais, minimizar o peso da avaliação dos sujeitos nas interações, tendo em vista que os enunciados, de algum modo, sinalizam – e não determinam – (im)polidez.

Por essas razões, sugerimos que a terceira onda tenderia a equilibrar as análises – entre o linguístico e o social –, adotando-se o texto (e, por conseguinte, a interação) como objeto de análise, o que incluiria contemplar aspectos multimodais. Assumimos que essa proposta integrativa dos estudos de terceira onda possibilitaria analisar, em conjunto, as estratégias de (im)polidez (primeira onda), manifestadas por semioses (não)verbais; e – a partir do enquadre hegemônico-ideológico-identitário – as disputas discursivas (segunda onda)

em interações co(n)textualmente situadas. Vejamos como os estudos de primeira, de segunda e de terceira ondas contribuiriam para a análise do dado a seguir.



Na interação sob análise, Mônica compartilhou no *Facebook* a publicação feita por sua orientanda. O comentário humorístico resgatou a correção que a orientadora, de modo bem-humorado (traço muito peculiar da saudosa Mônica), fez em decorrência de a orientanda ter citado um autor sem data que teria o mesmo sobrenome de Mônica. No que tange às estratégias de polidez (primeira onda), as expressões *corrige colocando de lado e em vermelho* e *é algum filho meu?* poderiam, em tese, trazer certa ameaça à face positiva (valorizadora) da orientanda. Porém, o afeto expresso (*eu amo minha orientadora Mônica Cavalcante!* e *Te amo*), a risada (*kkkkkkkkkkkkkk* e *rs*) e o reconhecimento (*só vc mesmo pra me fazer rir em meio ao desespero do projeto em construção*) seriam mais densos do que os enunciados anteriores. Logo, não se tratava somente de estratégias de polidez, mas, especialmente, de marcas de afeto.

É por esse motivo que enfatizamos que a polidez – assim como a impolidez – não se manifesta inerentemente nos enunciados, uma vez que a interação em curso demonstra que, mesmo com estratégias aparentemente ameaçadoras, o clima que se instaurava era o

de cumplicidade, deixando, assim, marcas de afeto. O afeto, a risada e o reconhecimento reparariam, em absoluto, qualquer potencial desconforto que essas expressões poderiam causar. Sem dúvida, os enquadres de brincadeira e de afeto se integram à interlocução. Embora tenha sido extremamente desafiador selecionar as interações que compo-riam o pequeno *corpus* desta seção, conforta-nos saber que todas elas, de certo modo, mantinham este traço: o afeto construído na brincadeira e, até mesmo, no deboche, o que – por haver reciprocidade – rendia sempre muitas risadas a todos/as os/as envolvidos/as.

No que concerne à avaliação (inter)subjetiva (segunda onda), a aparente disputa discursiva revelava a negociação, permeada por humor, entre a formalidade da correção e a informalidade/intimidade da relação de orientação. Nesse co(n)texto interlocutivo, o comportamento da orientadora não era só aceito, mas também valorizado pela orientanda e pela pessoa que comentou o *post* (*Eu também amo essa linda...*), de forma que ele seja, ainda, apropriado (e até desejável), consoante ocorreu em diversas outras interações de Mônica com os/as orientandos/as que não foram aqui analisadas. Quanto à prática social (terceira onda), a correção acadêmica – dada a suposta ameaça à face – era abrandada, na medida em que Mônica, sabiamente, a associava à relação de proximidade e de afeto que mantinha não somente com orientandos/as, mas também com seus pares acadêmicos. Sem dúvida, a postura acolhedora e bem-humorada de Mônica promovia o suporte emocional necessário para os recorrentes desafios advindos desse universo acadêmico. Passemos, na sequência, para o debate relativo à noção de multimodalidade.

De modo geral, a multimodalidade diz respeito à integração de múltiplos (*multi-*) modos (*modalidade*) de comunicação para transmitir significados. Na medida em que nos afiliamos a uma abordagem multimodal interacional, assumimos que, em adesão à agenda dos estudos de terceira onda da polidez, os sentidos se situam nas próprias práticas sociais, negociados nas instâncias da interação. Valemo-nos,

portanto, de seis conceitos-chave vinculados a essa abordagem. O primeiro é a noção de interação, sob o pressuposto de que todas as interações são multimodais (Norris, 2004), abrangendo-se “... qualquer ação em que um/a ator/atriz social comunica certa mensagem” (Norris, 2011: 79). O segundo – a noção de modo comunicativo – se relaciona com a coconstrução de sentidos dos/as interagentes, que gerenciam regras e regularidades dos mais distintos sistemas semióticos (Norris, 2004, 2011) que integram as interações. O modo não é, portanto, algo dissociado das ações de tais interagentes.

O terceiro, que é a ação mediada, abrange três níveis de interação: (1) as ações de nível inferior (menores unidades de significado) se integram na composição (2) das ações de nível superior, as quais podem acionar (3) as ações congeladas, que são ações fixas no tempo que podem fazer parte das interações (Norris, 2004, 2011). A título de exemplo, uma professora poderia usar gestos, entonações e enunciados específicos (ações de nível inferior) para se referir a um conceito expresso na página 12 do livro (ação congelada), a fim de explicar dado conteúdo de Língua Portuguesa (ação de nível superior). O quarto, que é a densidade modal, é subdividido em: intensidade modal (dado tom de voz irônico poderia ser mais denso do que dado sorriso) e complexidade modal (a combinação entre tom de voz e expressão facial irônicos poderia indicar desrespeito), consoante evidencia Norris (2004, 2011).

O quinto diz respeito à relação entre densidade modal, ações de nível superior e níveis de atenção: quanto maior a densidade modal na construção de uma ação de nível superior, maior tenderia a ser a atenção dedicada à ação interacional (Norris, 2011). A configuração modal (o sexto conceito) se relaciona com a escolha dos/as interagentes em atribuir maior densidade a determinados sentidos, o que dependeria do nível atencional dedicado às ações, a partir de uma noção hierárquica do tipo figura-fundo (Norris, 2004, 2011). Isto é, determinados sentidos, em dado texto, podem se tornar mais salientes para

certos/as interagentes, mas não o serem para outros/as. Analisemos a segunda interação, a seguir, que congregará as contribuições dos estudos da polidez em interface com esses seis conceitos-chave da abordagem multimodal interacional.



Por meio de distintas semioses verbais e não verbais, essa postagem indexicaliza afetos, transcendendo a polidez literalmente: “sentindo-se cheia de afeto...”. Poderíamos, entretanto, salientar a presença de estratégias de polidez positiva que almejam valorizar a imagem social da professora e do grupo Protexto, como em: *grupo de pesquisa que traz segurança e autoconfiança, dia mega especial, orientadora tão exemplar e inspiradora*. Diferentemente da postagem anterior, esse texto reforça as relações hierárquicas entre a orientadora e a orientanda, ao reconhecer Mônica como uma autoridade que ofereceu o suporte e a direção adequados para a qualificação do projeto de tese. Ao mesmo tempo em que se marca essa relação de poder, registra-se uma relação de afeto, ratificada por semioses não verbais: a proximidade corporal do abraço, sobretudo envolvendo a líder e a vice-líder do grupo Protexto (pessoas com quem a orientanda caminhou); os sorrisos em uníssono; os olhos semicerrados de Mônica e de Mariza; e – arriscando-nos além do que a análise possibilitaria – o pensamento de Mônica: “A Bel vai longe! Conseguimos!”.

Projetando essa análise para o território das (inter)subjetividades, tendo em vista o nosso aporte teórico, a polidez perpassaria a avaliação subjetiva (o que transcenderia o linguístico), com base em cada prática social em particular. Não se trata exclusivamente de rotular a interação pelo binômio polido/impolido. É, mais do que isso, considerar que, embora percebamos, (quase que) unanimemente, o cenário construído é o de polidez – e, mais ainda, o de afeto –, o modo de perceber essa polidez (e esse afeto) varia entre as pessoas: os/as orientandos/as percebem de um modo; os/as colegas, de outro modo; o/a leitor/a deste texto que não conheceu Mônica terá outra dimensão. Além disso, há variação dentro desses grupos: cada orientando/a percebe de maneira particular...

Em sintonia com essa subjetividade, ainda na composição de nosso aporte teórico, as configurações modais seriam, igualmente, idiossincráticas. Elas envolveriam, portanto, a construção de cada um/a, tendo em vista que cada sujeito, em particular, desvela dado(s) sentido(s) para cada modo comunicativo. Cada sorriso pode ter uma representação. Cada olhar pode oferecer uma interpretação pessoal. Em decorrência dos níveis particulares de atenção de cada um/a (amores, amigos/as, colegas, admiradores/as, orientandos/as), com as referidas variações dentro desses grupos, as configurações modais serão afetadas pelos sentidos coconstruídos por intensidades e por complexidades modais particulares. Logo, o que é denso/intenso/complexo para uns/mas pode ser mais/menos para outros/as. Além disso, a experiência do que é denso/intenso/complexo pode ser, evidentemente, subjetiva.

Nessa prática social denominada tradicionalmente de qualificação de projeto de tese, há a integração com outra prática social (a postagem da conquista em rede social), o que é bastante comum em ambientes acadêmicos. Como ações de nível inferior, sorrisos, abraços, postura corporal são modos comunicativos coconstruídos pelos/as participantes da cena interacional publicada. A partir da publicação

desses afetos em forma de texto nas redes sociais (ação de nível superior), temos acesso a uma parte dos sentimentos que tais pessoas vivenciaram. Mesmo que possamos, nesta análise, enfatizar a alta densidade modal das semioses verbais e não verbais relativas ao afeto, como texto que emergiria de todos os sentimentos relacionados à aprovação de um projeto de qualificação (felicidade, orgulho, vitória...), reforçamos que essa configuração modal (nessa relação figura-fundo) teria um caráter altamente subjetivo, como é a construção de sentidos.

Em ambas as análises, houve o uso de estratégias de polidez positiva, com vistas a valorizar a face da inesquecível professora Mônica Cavalcante, reconhecendo-se não só a autoridade, a competência e o profissionalismo, mas, principalmente, o bom humor, o exemplo, a inspiração, a cumplicidade, a confiança, o afeto: o amor – registrado nos *kkks*, nos abraços, nos sorrisos e nos corações (os representados imageticamente nos textos e os pulsantes em cada ato de generosidade intercambiada). Os potenciais gestos de polidez, exercidos por uma configuração intersemiótica/modal dos afetos, somente fazem justiça à imagem de alguém que semeou e (hoje, de onde estiver!) vê belos frutos perpetuando o seu legado. É com muita emoção que chegamos até aqui! É com muita emoção que, como fizemos na conferência, permanecemos em diálogo, a seguir, com a professora doutora Isabel Roboredo Seara, cujos laços acadêmicos e interpessoais foram ratificados pela presença amiga da professora doutora Mônica Magalhães Cavalcante. Mônica vive. Ainda bem!

3. Além das condolências: a supremacia dos afetos

Em absoluta sintonia com o professor doutor Rodrigo Albuquerque e honrada pela parceria na escrita conjunta deste capítulo, propomos-nos a analisar um gênero discursivo particular, *mensagens de condolências*, que consideramos ser um gênero marcado por afetos e por emoções (Seara, 2010), em que predominam igualmente as expressões da cortesia verbal. Pretendemos mostrar de que modo contribuem

para a construção do *ethos* não só de consternação e de incredulidade, mas também de afetividade da professora hoje homenageada.

Consideramos que uma perspectiva comparativa, confrontando mensagens institucionais e mensagens pessoais, permite evidenciar as marcas do gênero *mensagens de condolências* e, sobretudo, as idiosincrasias de um gênero discursivo que é, afinal, fortemente ritualizado¹. A análise que iremos realizar se assenta em pressupostos teóricos desenvolvidos por diferentes investigadores, nomeadamente dos campos da análise dos discursos (Maingueneau, 2008; Seara, 2010; Adam, 2011), da pragmática (Austin, 2008 [1962]; Searle, 1969, 1975), e da retórica e da argumentação nos discursos (Amossy, 1999, 2008; Plantin, 2011), a fim de evidenciarmos as características do gênero, destacando as especificidades retórico-discursivas de reação ao falecimento.

Assim, constituímos, na sequência, dois pequenos *corpora*: o primeiro *corpus* integra sete mensagens de condolências de perfis de associações ou de programas de pesquisa e de pós-graduação, aos quais a homenageada pertencia ou com os quais colaborava; e, por sua vez, o segundo *corpus* é constituído por sete mensagens de perfis individuais de professores ou pesquisadores que tinham com a homenageada uma relação de grande proximidade afetiva. Todas essas mensagens foram naturalmente escritas nos dias subsequentes à notícia da partida da nossa homenageada e foram publicadas na rede social *Instagram*.

Partindo do plano textual, analisaremos as estratégias discursivas ao serviço da verbalização das emoções e da construção (por exaltação) do outro, com destaque para as marcas de subjetividade: dêixis, adjetivação, processos de superlativação semântica, ou atos expressivos.

1 A mensagem de condolências institucional releva naturalmente do domínio ritual, na aceção que lhe foi conferida por Yannic (2009: 11): «[...] le rituel, qui provient du latin *ritus*, renvoie au culte religieux mais aussi à toute coutume fixée par une tradition. Un rituel est toujours une répétition d'occasion et de forme, chargé de signification 'symbolique'. Il n'est pas d'essence spontanée et le respect de la règle garantit l'efficacité du rituel», na medida em que releva de uma dimensão coletiva, respeitando algumas diretrizes protocolares, em certo sentido, subservientes a uma forma de liturgia.

3.1. As mensagens de condolências: características do gênero

La condoléance apparaît comme une pratique discursive qui se traduit par des marqueurs stylistiques propres – marqueurs qui, s’ils ne sont pas nécessairement concomitants, s’avèrent sémiotiquement convergents (Lignereux, 2016: 7).

As mensagens de condolências configuram um gênero de práticas verbais a serviço das relações sociais e interpessoais, marcadas pela implicação afetiva, na medida em que instauram, confirmam e reforçam os laços existentes entre os interlocutores, de acordo com rituais socialmente difundidos e aceites. São rituais interpessoais, no sentido que foi explicitado por Goffman (1974: 73-4): «courts rituels qu’un individu accomplit pour et envers un autre et qui attestent de la civilité et du bon vouloir de la part de l’exécutant, ainsi que de la possession d’un petit patrimoine de sanctitude de la part du bénéficiaire».

O valor afetivo-relacional e a dimensão social da expressão de condolências configura uma forma discursiva ritualizada, uma forma a serviço da sociabilidade que concorre para o reforço dos laços sociais e testemunha a pertença a uma mesma comunidade, como é sublinhado por Coulmas (1981: 4): “Conversational routines are tacit agreements, which the members of community presume to be shared by every reasonable co-members”.

3.2. Estrutura das mensagens de condolências: o plano de texto

A ritualização a que nos referimos ocorre nos diferentes planos de organização textual (Adam, 2011). No plano da organização composicional, a mensagem de condolências institucional é um gênero breve, com um plano de texto convencional. A análise das características de gênero permitirá categorizar as mensagens de condolências insti-

tucionais a par de um outro: as mensagens de condolências pessoais (Seara, 2010; Florea, 2015; Florea; Wrona, 2018).

As primeiras individualizam-se pelo caráter institucional, traduzem uma voz institucional e coletiva, e são mais dependentes de aspectos discursivos formulaicos, de rotinas verbais. Esse constrangimento contextual tem consequências ao nível da construção discursiva.

As mensagens de condolências não institucionais apresentam plano constituído por oito secções: apóstrofe inicial; focalização temporal do evento; invocação divina; ato de consolação; elogio fúnebre; intenção de perpetuar ensinamentos; apresentação de condolências; e saudação de acompanhamento na dor e no pesar.

Por sua vez, as mensagens de condolências institucionais em análise, embora partilhem algumas dessas partes textuais, apresentam estrutura diferente, com cinco secções bem individualizadas. Com pequenas variações na ordem de ocorrência (a apresentação de condolências pode ser deslocada para o final do texto), consideramos que as mensagens apresentam como estrutura prototípica os pontos ilustrados na tabela 1:

Tabela 1: Protótipo das mensagens de condolências: plano de texto

Fonte: Autoria própria

3.3. As mensagens de condolências nas redes sociais e a construção de uma imagem emocionada

O universo digital gerou profundas perturbações na economia do discurso, tais como: a renovação de formas antigas, a emergência de novas formas de interação, a inflação do número de potenciais locutores e interlocutores.

A situação é algo especial no caso do discurso de luto: os rituais fúnebres têm, em geral, pouca tolerância à mudança, uma vez que um dos objetivos do ritual é pôr ordem ao caos gerado pela morte.

Anote-se a importância da ancoragem espaço-temporal: uma página da Internet (um mural, uma rede social, um memorial digital, um tópico num fórum de discussão etc.) funciona como um local simbólico de reunião, sem a presença física das pessoas que desejam participar da celebração.

A emergência de novas formas discursivas subverte, portanto, o dispositivo enunciativo tradicional do discurso do luto. O discurso sobre a morte privada adquire, assim, mais visibilidade, ampliando o espaço para a publicitação de emoções íntimas.

O discurso digital sobre a morte incita e promove uma circulação de discursos e uma interação muito forte, que modifica os lugares. O luto em ambiente digital é um prolongamento dos ritos fúnebres tradicionais, e mesmo dos ritos em geral, que “são, sobretudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente” (Durkheim, 1968 [1912]: 553).

A modificação do dispositivo enunciativo, que decorre das virtualidades decorrentes da tecnologia digital, contribui, assim, para demonstrar a permanência da comunidade face à finitude do ser vivo.

Uma vez publicados na modalidade *on-line*, os discursos *post-mortem* tornam-se parte de uma economia do discurso que está sujeita às incertezas inerentes aos meios digitais (Bourdaloie, 2015).

L'émergence des nouveaux médias a fait naître de nouvelles formes discursives autour de la mort. Des mémoriaux sur les réseaux sociaux aux nécrologies en ligne de la presse écrite, des cimetières virtuels aux 'QR codes' apposés sur les tombes, renvoyant le visiteur venu se recueillir à un espace en ligne où il peut partager son deuil: les discours sur la mort n'échappent pas à l'invasion du numérique (Florea; Wrona, 2018: 9 – destaque nosso).

Trata-se não apenas da recuperação de tradições retóricas bem identificadas (as de elogio e de condolências), mas também da sua combinação em dispositivos enunciativos que transformam as condições de circulação do discurso.

3.4. Os atos discursivos predominantes: atos de condolências e de elogio

Os atos de condolências, os atos de elogio ou laudatórios são pragmaticamente categorizados como atos expressivos e dominam as mensagens sob análise.

Segundo Haverkate (1994), o objetivo ilocutório primordial desses atos consiste na expressão de um estado psicológico do locutor relativamente ao estado de coisas que está especificado no conteúdo proposicional do enunciado. Estão, assim, a serviço da construção discursiva das emoções e da cortesia verbal. Os objetivos ilocutórios desses atos – dominantes nas mensagens de condolências – são, na verdade, duplos. Trata-se de reagir a um infausto acontecimento, com um macroato de condolências, que convoca todo um conjunto lexical disfórico; e de realizar uma homenagem através de um macroato de elogio, que congrega elementos lexicais com valores apreciativos positivos.

As mensagens de condolências pertencem ao tipo de discurso epidítico (Albelda Marco, 2003). São atos ao serviço da cortesia valori-

zante, nomeadamente o ato de elogio, considerado altruístico, na medida em que elogiar é uma manifestação cordial, cortês, que fortalece os laços entre as pessoas e contribui para a construção da sociabilidade, pelo que tem fundamentalmente como objetivo ilocutório criar ou manter um ambiente de cortesia.

Neste estudo, os atos de condolências e de elogio, como atos expressivos, estão a serviço da exaltação, dada a relevância da professora e pesquisadora que, por questões intelectuais, científicas, sociais e outras, é conhecida e valorizada nos estudos linguísticos brasileiros e não só. Assumem, por isso, destaque categorias como a adjetivação agregada aos processos de superlativação semântica (*as mais sinceras condolências*) e à dêixis pessoal (*apresento; minhas; meu próprio nome*). O ato de pesar ou de condolências está também associado ao estado emocional de dor e de tristeza partilhado pelos participantes na interação. A expressão das emoções integra o campo semântico do pesar, tal como atestam as expressões seguintes:

*Tive um **grande desgosto***

*Foi com **enorme tristeza** que recebi a notícia*

*É com **profunda tristeza***

***Lamentamos profundamente** a partida*

*Foi com grande **consternação***

*Recebi com **todo o pesar***

***Choramos todos** com sua partida precoce*

As imagens da *chama* ou da *luz que se apaga*, do *defunto* em lugar do *morto* e da vida que se apaga são formulações mais suaves para designar *a morte*, que constituem enunciados atenuados, a serviço da construção da cortesia verbal, com o objetivo de apaziguar a dor do outro: o destinatário da mensagem.

Similarmente, o mesmo recurso se aplica à figura da falecida. São realçadas as suas virtudes, o seu mérito, o seu talento, a estima

que todos lhe dedicam: atos que tanto homenageiam quanto corroboram a ideia de injustiça e de iniquidade da morte.

As formas de consolação são impregnadas de expressões de crenças religiosas e remetem para um cenário de resignação, que visa à aceitação da vontade divina e à comunhão no sofrimento, aguardando o reencontro celestial.

As formulações para se referir à morte sem a nomear são várias: a *perda*, a *perda cruel*, a *terrível provação*, bem como metáforas e perífrases que «esquivent le spectre de la mort en ne la nommant pas ont aussi pour effet dramatiser la situation» (Dauphin, 1997, p. 71).

Os eufemismos para designar a morte ou a pessoa falecida são circunlóquios que designam, de forma tátil e sutil, os movimentos de partilha e de comunhão na dor, atenuando, por um lado, a realidade chocante; e, por outro, o impacto das palavras. Esses enunciados eufemísticos constroem-se numa base metafórica em que o *trágico acontecimento* é conotado como uma partida. Daí a utilização da forma última morada.

Na retórica das condolências, o ato de consolação é preponderante e assume-se no seu valor performativo, na medida em que deseja agir a distância, e ajudar na resignação e no consolo do(s) outro(s).

Configura-se através de um processo duplo: por um lado, o reconforto na dor marcado pela intenção de fazer esquecer e ultrapassar a provação; por outro, a expressão da partilha e do encorajamento, evidentes nos traços semânticos das formas verbais:

Associo-me à dor

Acompanho-vos no vosso desgosto profundo

Partilho a tristeza

As minhas orações acompanham esta dor profunda

Rezo pelo seu eterno descanso

Face à dificuldade de transmitir a consolação, bem como de suavizar a dor e o *topos* da vacuidade, a dificuldade e o embaraço na confissão dos sentimentos tematizam-se de modo inibido. A impossibilidade de transmitir sentimentos e emoções é recorrente. Atentemo-nos aos exemplos:

Faltam-me as palavras perante tão trágica notícia

Não há palavras que expressem esta dor

As palavras são ocas e desprovidas de sentido

Sem poder traduzir o verdadeiro sentimento

Como traduzir por palavras o que é absolutamente inexplicável?

4. Análise das mensagens de condolências

Procedendo a uma abordagem comparativa, confrontamos mensagens institucionais e mensagens pessoais, no sentido de evidenciar as marcas do gênero, nomeadamente as idiossincrasias em um gênero discursivo, que é fortemente ritualizado.

| | | | |
|---|--------------------------------------|--------------------------------|---|
| <p>Abralin Alab GTLAC Anpoll Interagele PPGLIN-Unilab Semioce</p> | <p>Sete mensagens institucionais</p> | <p>Sete mensagens pessoais</p> | <p>Locutores próximos da homenageada: professores e pesquisadores</p> |
|---|--------------------------------------|--------------------------------|---|

As mensagens de condolências institucionais são enquadradas por uma fotografia da falecida, em que são anotadas as datas de nascimento e de falecimento, uma espécie de *lead* jornalístico, com pequenas variações na sua estrutura, surgindo, lateralmente, a identificação do locutor coletivo e institucional:

Nós, da Associação de Linguística Aplicada do Brasil, lamentamos profundamente a partida da professora Mônica Magalhães Cavalcante.

É com imenso pesar que a ANPOLL comunica o falecimento da professora Mônica Magalhães Cavalcante. Ela era membro fundador do Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL, docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq, nível PQ-1.

Esse *incipit* da mensagem de condolências institucional, propriamente dito, no primeiro caso, assumido na primeira pessoa do plural e, no segundo, na terceira pessoa (representando a voz coletiva da Anpoll), permite, em termos de representação discursiva das emoções, corroborar a distinção estabelecida por Plantin (2012) entre emoção atual, que domina as mensagens individuais, e emoção relatada, constituindo uma característica fundamental de individualização dos dois subgêneros².

O ato de condolências é indissociável do ato de elogio, que ocupa a maior parte da superfície discursiva (do plano de texto), numa homenagem que exalta o mérito e as qualidades cívicas, humanas, muito numerosas, da personalidade desaparecida; e justifica o sentimento de pesar institucional e o estatuto de personalidade de exceção que as mensagens institucionais lhe reconhecem.

Como podemos comprovar nas mensagens institucionais, disponibilizadas no anexo 1 e na síntese a seguir, podemos destacar a relevância tanto do percurso profissional quanto das funções e dos cargos assumidos: a importância inequívoca e o enorme legado para a Linguística Brasileira e para a Linguística Textual. A dimensão hu-

2 «On propose dans cette contribution une distinction entre émotion actuelle et émotion rapportée. Une émotion est définie comme actuelle si elle affecte un participant à l'interaction. Une émotion est rapportée si elle n'affecte pas un participant à l'interaction: soit elle affecte ou elle affectait un non participant; soit elle affectait un participant à l'interaction mais dans une autre situation. On postule que les émotions actuelles ont une sorte de priorité logique sur les émotions rapportées, de sorte que les instruments mis au point pour l'étude des émotions actuelles permettent de rendre compte des émotions» (Plantin, 2012: 629).

mana é menos exaltada nas mensagens oficiais, não se afastando, por isso, do protótipo da mensagem de condolências da era pré-digital.

| | | |
|--|---|---|
| <p>Membro fundador do Grupo de Trabalho de Linguística de Texto e Análise da Conversação da Anpoll</p> <p>Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará</p> <p>Diretoria da Anpoll (Biênio 2023 – 2025)</p> <p>Coordenação do Grupo de Trabalho de Linguística de Texto e Análise da Conversação (Biênio 2023 – 2025)</p> | <p>Figura de destaque na Linguística Brasileira</p> <p>Professora genial</p> <p>Orientadora generosa</p> <p>Pesquisadora incansável</p> <p>Linguista irretocável</p> <p>Excelência acadêmica</p> <p>Legado de trabalhos acadêmicos reconhecidos</p> | <p>Lembrada pela generosidade, pela humildade e pela capacidade de inspirar todos(as) ao seu redor.</p> |
|--|---|---|

Nas mensagens pessoais, há um afastamento relativamente às características do gênero discursivo, o que atinge também a estrutura textual. Não há endereçamento explícito de condolências, sendo esse substituído pela enunciação de um conteúdo de cariz pessoal, com cunho afetivo. São veiculados testemunhos de elevada espontaneidade, a que se agrega, em termos doxais, valor de sinceridade. As reiterações reforçam a expressão da emotividade trazida da esfera pública, da carreira, do desempenho profissional de excelência para a esfera da pessoalidade.

Relevamos alguns excertos, mostrando sete tópicos que permitem, efetivamente, ilustrar a expressão dos afetos.

4.1. A construção do *ethos* de incredulidade: afirmação repetida da partida imprevista e prematura

O súbito desaparecimento da professora gera manifestações discursivas de incredulidade que são explicitadas quer de forma direta, quer através de imagens do vazio deixado que exponencia o sofrimento da perda.

Foi uma partida silenciosa, na madrugada, justamente quando o sol não brilhava por aqui. (FO)

Estou sem querer acreditar. (HL)

Uma história linda que se está encerrando cedo demais. (HL)

E essa partida deixou um vazio tão grande, tão doído que não dá para descrever. (FO)

Achei que, neste final de semana, poderia visitá-la e lhe dar meu abraço e dizer que o susto foi grande, mas passou... Não passou. Estou sem querer acreditar. (HL)

4.2. Nomear a partida

As expressões eufemísticas para designar a morte estão a serviço da atenuação, recorrendo-se a imagens que remetem à passagem para o domínio etéreo.

*Mas foi ela **quem voou** hoje de manhã. E nos deixou aqui.* (JA)

*Hoje **o dia amanheceu sem cor**...* (MF)

*Tu tá vendo daí a quantidade de louvores que se espalham Brasil afora desde que **tu se mudou**? Coisa linda de ver! (...) Agora, depois da tua mudança, a tatoo ganha ainda mais sentido.* (LI)

*Hoje **nosso girassol partiu**. Foi uma **partida silenciosa**, na madrugada, justamente quando o sol não brilhava por aqui. (FO)*

*Mônica Magalhães Cavalcante, nossa Moniquinha, **nos deixa hoje**. (IML)*

Moniquinha fez a travessia. (SA)

4.3. Proximidade/decalque do registo epistolar amoroso

As manifestações discursivas de carinho e de afeto demonstram o registo comum das formas de tratamento que a professora Mônica habitualmente usava no quotidiano com todos os seus interlocutores, motivo por que esses, num momento de tamanha consternação, replicam e devolvem os mesmos usos amorosos, nomeadamente nas formas de tratamento. Atentemo-nos, ainda, aos diminutivos carinhosos, apanágio do discurso amoroso, e ao registo coloquial, decalcando um diálogo íntimo, que se teima em prosseguir.

***Minha amada** Mônica, você foi tanto pra mim! Minha professora mais sábia, mais querida, mais íntegra, mais presente. Você foi sempre presente. Você foi um generoso presente que a vida me deu. Foi amiga, irmã, mãe... Foi e continuará sempre sendo meu exemplo maior de humanidade e profissionalismo. (...) **Você permanece viva em mim. Amo você para sempre!** ♥ (HL)*

***Ah, amo essa tua foto-sol!** A bença, Mônica! Te amo! (LH)*

Amo você, doce Professora! (SO)

*E como eu lhe disse, serei sempre uma brisa suave e serena que sopra seu rosto e diz: – **Amo você, doce Professora!** (SO)*

*Tudo devo a **Moniquinha**. Ela sempre foi amorosa, amiga, companheira e nunca soltou a minha mão. Nunca, por nada e nem por ninguém, a Moniquinha jamais soltou a minha mão. Foi rigorosa, puxou a minha orelha muitas vezes, mas sempre me ofereceu o melhor colo, o abraço mais macio e mais honesto. (AJC)*

*Ei, Mônica, a bença! Deus te abençoe meninuzim. E te dê juízo!”. E é assim que começo **essa cartinha** e sei que é assim que tu vai responder de cara. E tô te escrevendo porque acordei com uma saudade danada hoje. (LI)*

Estamos, pois, perante a exaltação das qualidades pessoais, num verdadeiro e inequívoco testemunho e confirmação da relação íntima e pessoal.

4.4. A dívida de gratidão

Os atos de agradecimento (Seara; Silva, no prelo) permitem expressar o *ethos* do enunciador, revelando o grau de gratidão perante a interlocutora, invocada quer alocutiva quer delocutivamente, testemunhando a relação de profunda proximidade.

Então só dá pra ser grato pelo tanto de amor que você é – e espalhou. Mônica, você foi tudo numa pessoa só ♥ (FO)

Tudo devo a Moniquinha. *Ela sempre foi amorosa, amiga, companheira e nunca soltou a minha mão. Nunca, por nada e nem por ninguém, a Moniquinha jamais soltou a minha mão. (JA)*

Além dos ricos saberes acadêmicos, ela me conduziu a um mundo lindo onde a arte de cuidar, proteger e amar foi prioridade. (SO)

Obrigada por tudo e por tanto! (MF)

Seus ensinamentos e amor seguem eternos. (IML)

4.5. O desejo de perpetuar a memória

Em todas as mensagens, pode-se asseverar a necessidade de lutar contra a perda, ensaiando guardar a memória viva da pessoa, numa conjugação de tempos presente e futuro, numa promessa eterna de não esquecimento.

Mônica, você permanece viva em mim, a mulher maravilhosa que você foi e continuará sendo. (HL)

Você permanece viva em mim. (HL)

Eu sei que você tá aqui! E sei que tu seguirá aqui me salvando, como quando me adotou como orientando de doutorado ao lado da Margarete, outro amor da minha vida. (LI)

Você continuará viva, no melhor de mim, no lugar sagrado da admiração e da ternura! (SO)

Foi e continuará sempre sendo meu exemplo maior de humanidade e profissionalismo. (HL)

4.6. A prossecução do diálogo íntimo

Outra nota saliente nas mensagens de condolências pessoais é a proximidade, pela escrita, da manutenção do diálogo *in praesentia* quando a interlocutora malogradamente está *in absentia*. Essa réplica da conversa, presente inclusivamente nas várias formas de verbos *dicendi*, visa atenuar a dor, prosseguir e persistir na atitude de incredulidade.

Hoje mesmo conversei com você. Eu lhe dei bom dia e lhe disse que se mantivesse forte, que não desistisse. (HL)

Tu tá vendo daí a quantidade de louvores que se espalham Brasil afora desde que tu se mudou? Coisa linda de ver! (LI)

Era um dia chuvoso quando tu me ligou e disse: “ei, meninuzim, tenho um negócio pra tu. (LI)

Mônica, você foi tudo numa pessoa só ♥ Mamadi, vai em paz, e manda de quando em vez, teu sorriso girassol. (FO)

4.7. O texto poético: clímax do amor

Como afirmamos em estudo sobre o epistolar amoroso, a “ausência cria um vazio que fere o desejo, (...) dolorosa, sofrida, taciturna, que carrega a solidão, o desespero. (Seara, 2011, p. 110). Nessa composição poética, uma adaptação de *Funeral Blues*, de W. H. Auden, de 1907, estamos face ao discurso do amor pleno e total, expresso através de enumerações assindéticas que espelham a dor, o desespero absoluto, o vazio total, a falta de sentido absoluto após a partida.



*Parem todos os relógios, desliguem o celular,
Silenciem os pianos e com tambores lentos
Tragam o caixão, deixem que o luto chore.
Deixem que os aviões voem em círculos altos
Riscando no céu a mensagem: Ela Está Morta,
Ela era o meu Norte, o meu Sul, o meu Leste
e Oeste;
A minha semana útil e o meu domingo inerte,
O meu meio-dia, a minha meia-noite, a minha
canção, a minha fala,
Achei que o amor fosse para sempre: Eu esta-
va errada.
As estrelas não são necessárias: retirem cada
uma delas;
Empacotem a lua e façam o sol desmanchar;
Esvaziem o oceano e varram as florestas;
Pois nada no momento pode algum bem causar.
Para ti (MAB).*

Em divergência com uma maior ritualização verificada nas mensagens institucionais, as mensagens de condolências pessoais apresentam características que queremos destacar. Atentemo-nos para uma análise mais detalhada:

Minha amada Mônica, você foi tanto pra mim! Minha professora mais sábia, mais querida, mais íntegra, mais presente. Você foi sempre presente. Você foi um generoso presente que a vida me deu. Foi amiga, irmã, mãe... Foi e continuará sempre sendo meu exemplo maior de humanidade e profissionalismo. Seu olhar terno e seu coração cheio de amor sempre me deram colo. E foram tantas vezes que você foi colo e conforto... Quantas vezes me fez acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava... Quantas vezes me falou as palavras certas, no momento certo... Você me acompanhou desde o primeiro dia de aula do 2º semestre de Letras da UFC... Até hoje... Está sendo muito difícil enfrentar essa dor... Achei que, neste final de semana, poderia visitá-la e lhe dar meu abraço e dizer que o

susto foi grande, mas passou... Não passou. Estou sem querer acreditar. Hoje mesmo conversei com você. Eu lhe dei bom dia e lhe disse que se mantivesse forte, que não desistisse. Mas, que ironia, o grande coração não teve a força necessária para fazer sua vida pulsar... E estou aqui me sentindo órfã de um amor sem tamanho, de uma história linda que está se encerrando cedo demais, da mulher maravilhosa que você foi e que continuará sendo. Todo meu amor e gratidão para você, Mônica. Você permanece viva em mim. Amo você para sempre! ♥

Em primeiro lugar, a locutora escreve emocionada, continuando a dirigir-se à sua interlocutora, como se essa se encontrasse ainda no plano terreno. Há a manifestação da incredulidade perante a partida súbita e imprevista: “Estou sem querer acreditar”.

As qualidades da professora e orientadora são elencadas, aliando-se, como nas demais mensagens, a exaltação do lado de profissional exímia, atenta e empenhada com os seus alunos e orientandos, mas, concomitantemente, o lado humano. Importa realçar a imagem de mãe que é convocada, aquela que cuida, que mima, que leva permanentemente ao colo. Atentemo-nos à imagem: “*Seu olhar terno e seu coração cheio de amor sempre me deram colo. E foram tantas vezes que você foi colo e conforto...*”. A locutora sente-se “órfã de um amor sem tamanho”. E seria interessante prosseguir e dilatar a análise dessas mensagens de condolências numa rede social para poder comprovar algumas características das redes sociais, enunciadas por Paveau (2015), como a retomada e a ampliação que acontece em inúmeros comentários, pois é efetivamente a metáfora do colo que é retomada por outros usuários.

Há dois *topoi* recorrentemente convocados nas mensagens pessoais: por um lado, a afirmação repetida da partida imprevista e prematura, expressa sempre através de enunciados eufemísticos: “uma história linda que se está encerrando cedo demais”. Outro *topos* dessas mensagens pessoais, que é repetidamente convocado, é o da permanência, que afirma a necessidade de lutar contra a perda e de guardar a memória viva da pessoa: “Mônica, você permanece viva em mim”; “a mulher maravilhosa que você foi e continuará sendo”.

Há, sobretudo, um envolvimento pessoal marcado pela ocorrência de formas de primeira pessoa do singular em estruturas que representam sentimentos, emoções, que assinalam a deslocação da alocação para a esfera pessoal. A expressão da tristeza constitui o início da alocação e convoca o campo semântico de pesar, optando o locutor por dizer a sua emoção: *Estou sem querer acreditar*.

Relembremo-nos da obra de Cavalcante *et al.* (2021), particularmente o texto **A relevância do texto e da interação no contexto digital**, em que, de forma pertinente, os autores anotam que a “Web 2.0 favoreceu uma experiência de conteúdo para o usuário de forma dinâmica e aberta à interação de tudo com todos” (Cavalcante *et al.* 2021, p. 334). Por seu turno, Cavalcante *et al.* (2019) sublinham que o contexto se integra ao texto em uma ampliação não apenas sócio-histórica, mas também ecologicamente digital. É dessa forma que presenciamos na rede *Instagram* comentários aos *posts* analisados e a dinâmica desses, que, por si só, mereceriam uma análise aprofundada, retomando os conceitos de referenciação, de anáfora, de dêixis, de argumentatividade. Em suma, a explicitação do texto como evento, comprovando “a clivagem do sujeito e as vozes que o atravessam; a natureza eminentemente interacional, discursiva e argumentativa dos processos de produção e compreensão; e a configuração multissemiótica da materialidade textual”, como é afirmado em Cavalcante *et al.* (2019, p. 25).

Equacionando a possibilidade de prossecução de outras perspectivas de análise, sugerimos, assim, um estudo dos valores dos *emojis* que surgem na maioria das mensagens, na senda dos trabalhos de Maroccia (2000) e de Maroccia e Gauducheau (2007), ao serviço da expressão e da reiteração da emoção de tristeza, de perplexidade, de consternação e de comunhão na dor. Lançamos o desafio aos colegas do grupo Prottexto, nomeadamente os que trabalham com interações digitais, para prosseguirmos e ampliarmos esta pesquisa, a partir de *corpora* digitais muito ricos.

5. Considerações finais

Das interações na página do *Facebook* da professora Mônica, destacamos, como trajetórias de generosidade na composição multimodal de redes de afeto, as estratégias de polidez positiva mobilizadas; o alinhamento de avaliações (inter)subjetivas de polidez e, ainda, de afeto, congregando-se a imagem social, a um só tempo, de autoridade acadêmica e de professora afetuosa; as densidades modais de exemplo, de liderança, de acolhimento, de intimidade, de bom humor, de rigor acadêmico, de orgulho das trajetórias de seus/suas pupilos/as e colegas. Sabemos dos riscos de realizarmos uma análise de dados linguístico-textuais contagiados/as pela emoção. Mais que assumirmos esse risco, desejamos romper esse pressuposto epistêmico de que as pesquisas devem ser isentas de emoção.

Das interações no *Instagram*, evidenciamos que a dificuldade de falar do absurdo da morte e de expressar sentimentos domina as mensagens de condolências, consideradas prototipicamente textos breves e ritualizados. Do ponto de vista discursivo, podemos concluir que as mensagens de condolências institucionais, mesmo circulando em meio digital, mantêm fidelidade à estrutura canônica das mensagens *scripto*, privilegiando-se a mensagem informativa, o anúncio público emanado da enunciação coletiva, dirigida publicamente a uma comunidade mais ou menos vasta, comprovando-se o que é afirmado por Hammer (2011: 67): «Le défunt appartient désormais à la communauté de tous ceux qui lui manifestent leur affection». Por seu turno, as mensagens de condolências pessoais se aproximam do texto epistolar, da mensagem privada, configurado o texto como expressão de uma emoção individual dirigida publicamente a uma única pessoa, justamente a pessoa falecida. No caso em análise, as inúmeras qualidades da professora e orientadora são glorificadas e reiteradas, sendo de realçar que, mais que a exaltação do lado da profissional exímia, atenta e empenhada com os alunos e os orientandos, sobressai o lado humano, de cuidadora e de grande amiga.

Referências

- ALBELDA MARCO, Marta. Los actos de refuerzo de la imagen en la cortesía peninsular. *In*: Bravo, Diana (Org.). **Actas del Primer Coloquio del Programa Edice**. La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes. Estocolmo: Programa Edice, 2003. pp. 298-305.
- ADAM, Jean-Michel. **La linguistique textuelle**. Introduction à l'analyse textuelle des discours. 3. ed. Paris: Armand Colin, 2011.
- AMOSSY, Ruth. **Images de soi dans le discours**. La construction de l'ethos. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999.
- AMOSSY, Ruth. Dimension rationnelle et dimension affective de l'ethos. *In*: RINN, Michael (Org.). Émotions et Discours. L'usage des passions dans la langue. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008. pp. 113-25.
- AUSTIN, John. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 2008 [1962].
- BOURDELOIE, Hélène. Usages des dispositifs socionumériques et communication avec les morts : d'une reconfiguration des rites funéraires. **Questions de communication**, v. 28, pp. 101-25, 2015.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; OLIVEIRA, Rafael Lima. A relevância do texto e da interação no contexto digital. **Calidos-cópia**, v. 19, n. 3, 2021, pp. 333-44.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana Leite; PINTO, Rosalice Botelho Wakim Sousa; PINHEIRO, Clemílton Lopes. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, pp. 25-39, 2019.
- CLAVANDIER, Gaëlle. **Sociologie de la mort**. Vivre et mourir dans la société contemporaine. Paris: Armand Colin, 2009.
- COULMAS, Florian. **Conversational routine: Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech**. The Hague: Mouton, 1981.
- DAUPHIN, Cécile. Une pédagogie du lieu commun dans les manuels épistolaires du XIXe siècle. *In*: MELANÇON, Benoît (Org.). **Penser par lettre, Actes du Colloque d'Azay-le-Ferron**. Québec: Fides, 1997, pp. 63-73.

DURKHEIM, Émile. **Les Formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968 [1912].

FLOREA, Marie Laure; WRONA, Adelina. Présentation: Deuil en ligne. Les discours funéraires à l'ère du numérique. **Semen**. Revue de sémio-linguistique des textes et des discours, n. 45, 2018.

FLOREA, Marie Laure. **Les nécrologies dans la presse française contemporaine**. Une analyse de discours. 2015. 658f. Tese (Doutoramento em Sciences du Langage) – École Doctorale Lettres, Langues, Linguistique et Arts, Université Lumière Lyon II, Lyon, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Les Rites d'interaction**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974.

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior**. UK: Penguin University Books, 1967.

HAMMER, Françoise. Le faire-part de décès et la confrontation avec la mort. **Questions de Communication**, n. 19, pp. 53-72, 2011.

HAVERKATE, Henk. **La cortesía verbal**. Estudio pragmalingüístico. Madrid: Gredos, 1994.

KÁDÁR, Dániel Z.; HAUGH, Michael. **Understanding Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

LIGNEREUX, Cécile. Une routine de la civilité épistolaire: l'expression de la condoléance. **Exercices de rhétorique**, n. 6, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 11-29.

MARCOCCIA, Michel. Les Smileys: une représentation iconique des émotions dans la communication médiatisée par ordinateur. In: PLANTIN, Christian; DOURY, Marianne; TRAVERSO, Véronique (Éds.). **Les émotions dans les interactions**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000, pp. 249-63.

MARCOCCIA, Michel; GAUDUCHEAU, Nadia. L'analyse du rôle des smileys en production et en réception: un retour sur la question de l'oralité des écrits numériques. **Glottopol**, n. 10, 2007, pp. 39-55.

NORRIS, Sigrid. Modal density and modal configurations: multimodal actions. In: JEWITT, Carey (Ed.). **The Routledge handbook of multimodal analysis**. London and New York: Routledge, 2011, pp. 78-90.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing multimodal interaction: a methodological framework.** London and New York: Routledge, 2004.

PAVEAU, Marie-Anne. Ce qui s'écrit dans les univers numériques. Matières technolangagières et formes technodiscursives. **Itinéraires**, 2014-1, 2015.

PLANTIN, Christian. Les séquences discursives émotionnées: définition et application à des données tirées de la base CLAPI. **CMLF**, pp. 629-42, 2012.

PLANTIN, Christian. **Les bonnes raisons des émotions.** Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Berne: Peter Lang, 2011.

SEARA, Isabel Roboredo. L'épistolaire de condoléances: une rhétorique de la consolation. In: FLOREA, Ligia-Stela; PAGHAGI, Cristiana; POP, Liana; CUREA, Anamaria (Orgs.). **Directions Actuelles en Linguistique du texte.** Actes du colloque international Le texte: modèles, méthodes, perspectives. Tome II. Cluj-Napoca: Casa Cartii de Stiinta, 2010, pp. 213-22.

SEARA, Isabel Roboredo. Estendal do ego. Contributos para a análise de cartas de amor. In: ANDRADE, Carlos; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco (Orgs.). **Práticas linguístico-discursivas: alguns caminhos para aplicação teórica.** São Paulo: Terracota, 2011, pp. 109-25.

SEARA, Isabel Roboredo; SILVA, Simone Souza Cunha. Os Agradecimentos no discurso académico: um estudo comparativo em dissertações e teses em Português Europeu e em Português Brasileiro. In: MARQUES, Carla; GONÇALVES, Matilde; JORGE, Noémia Jorge (Coords.). **Discurso Académico.** Complexidade teórica e Diversidade Didática 3. Coimbra: Grácio Editor, no prelo.

SEARLE, John. **Speech Acts.** An Essay in the Philosophy of Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, John R. Indirect Speech Acts. In: COLE, Peter; Morgan, Jerry L. (Eds.). **Syntax and Semantics.** v. 3. New York: Academic Press, 1975, pp. 59-82.

WATTS, Richard J. Linguistic politeness research: **Quo vadis?** In: WATTS, Richard J.; IDE, Sachiko; EHLICH, Konrad (Eds.). **Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice.** 2. ed. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2005, pp. xi-xlvii.

WATTS, Richard J. **Politeness.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

YANNIC, Aurélien. Les Rituels à l'épreuve de la Mondisation-globalisation. In: YANNIC, Aurélien (Org.). **Le Rituel.** Paris: CNRS Éditions, 2009, pp. 9-24.

ANEXOS

Corpora de mensagens de condolências institucionais publicadas no Instagram

1. Grupo Prottexto



The image is a composite of two parts. On the left is a memorial card for Mônica Magalhães Cavalcante. It features a quote at the top: "Sou livre neste mundo e posso abrir qualquer caminho, mas escolho, porque quero, toda vereda que me leve ao estado de amor." Below the quote is a photograph of Mônica, a woman with short dark hair wearing a bright yellow shirt, smiling. The card also includes the text "Em memória de Mônica Magalhães Cavalcante", her birth and death years "★ 1962 † 2024", and funeral details: "A família e os amigos convidam para o velório e o sepultamento. Cemitério Parque da Paz. Velório: 5 de abril, às 14h. Missa e Sepultamento: 6 de abril, a partir das 8h30m." On the right is a screenshot of an Instagram post from the account 'grupoprottexto'. The post contains several comments from users expressing their condolences and admiration for Mônica. The comments include: "Mônica deixará muitas saudades... Sua estrela continuará brilhando aqui e lá. Siga em paz, amiga querida. Obrigada por tanto que nos ensinou e por tantas pessoas queridas que conheci através de você.", "Nossa! Nem tenho palavras para expressar a minha tristeza... Que todo imenso carinho e grande admiração que sentimos por ela possam de alguma forma nos confortar, alunos, amigos e familiares, pois são eternos.", "obrigada por tudo, Moniquinha! Te amo eternamente", and "Gente, o que houve? Que susto!!!". The post also shows the number of likes (5) and a list of users who liked it.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5Yf5EQrGpK/>.

2. Abralín (Associação Brasileira de Linguística)



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5YzhMwurtt/?igsh=c2FrOXYxZXptdmNi>.

3. GTLTAC (Grupo de Trabalho de Linguística do Texto e Análise da Conversação)



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5YfuCzAW1S/?igsh=Ym1ibjI0OHE2bXZo>.

O **GTLTAC** não publica mensagem escrita como as demais instituições, apresentando uma fotografia encimada por uma mensagem de pesar, em que se destaca, na fotografia escolhida, o sorriso franco e aberto da homenageada.

4. Grupo Interage-LE



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5Y-UmIv7KD/>.

O **grupo Interage-LE** apresenta igualmente uma conjugação das duas modalidades: escrita e imagética. Sublinhe-se a escolha muito feliz da fotografia, em que a homenageada surge no papel de professora/pesquisadora, eventualmente autografando um livro do seu grupo, com uma transcrição de um excerto de uma oração.

5. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UNILAB



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5YYI2gLY5n/?igsh=dG8yNGR5MjIxMG11>.

O Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem conjuga uma mensagem sintética, lamentando a partida. Assinale-se para além dos sentimentos aos familiares e aos amigos, inclui a categoria “alunos”. Na imagem, a única enquadrada em fundo preto, surge a homenageada com flores, e o título recorre ao lexema “Luto”. Surge, em destaque, o nome do Programa, oficializando, assim, a mensagem.

6. Grupo Semioce



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5YmJ2erjf2/>.

O grupo Semioce, da Universidade Federal do Ceará, apresenta de igual forma um plano de texto, convocando em simultâneo uma fotografia da homenageada, à qual se espõe um testemunho de expressão da tristeza, numa modalidade que conjuga as modalidades das mensagens de condolências institucionais e pessoais.

7. Alab



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5Y6FVEp2nQ/>.

notas do capítulo

- [1] A mensagem de condolências institucional releva naturalmente do domínio ritual, na aceção que lhe foi conferida por Yannic (2009: 11): «[...] le rituel, qui provient du latin *ritus*, renvoie au culte religieux mais aussi à toute coutume fixée par une tradition. Un rituel est toujours une répétition d'occasion et de forme, chargé de signification 'symbolique'. Il n'est pas d'essence spontanée et le respect de la règle garantit l'efficacité du rituel», na medida em que releva de uma dimensão coletiva, respeitando algumas diretrizes protocolares, em certo sentido, subservientes a uma forma de liturgia.
- [2] «On propose dans cette contribution une distinction entre émotion actuelle et émotion rapportée. Une émotion est définie comme actuelle si elle affecte un participant à l'interaction. Une émotion est rapportée si elle n'affecte pas un participant à l'interaction: soit elle affecte ou elle affectait un non participant; soit elle affectait un participant à l'interaction mais dans une autre situation. On postule que les émotions actuelles ont une sorte de priorité logique sur les émotions rapportées, de sorte que les instruments mis au point pour l'étude des émotions actuelles permettent de rendre compte des émotions» (Plantin, 2012: 629).